

*“Sede, portanto, perfeitos como
vosso Pai do céu é perfeito.”
(Mt 5, 48)*

PE. JOSÉ PERFEITO, *sdb*

* 27 de Março de 1929, Araxá – MG – Brasil
+ 21 de Julho de 2007,
Goiânia – GO – Brasil, aos 78 anos



Queridos Irmãos,

Já é passado um ano de falecimento do Pe. José Perfeito. Um ano de saudades deste nosso irmão tão querido, que tanto bem realizou para a Congregação Salesiana e para a Igreja, Povo de Deus! Durante todo este tempo, em quase todos os dias, uma idéia não me saía da cabeça: Preciso escrever a carta do Pe. José! Enfim, entre um compromisso e outro, com grande afeto, presto esta última homenagem a este irmão tão generoso e tão querido que marcou profundamente a minha vida assim como, tenho certeza, a vida de muitos outros.

Pe. José deixou uma autobiografia escrita. Aliás, DIGITADA – ultimamente, no notebook novo que ele adquirira e com o qual delirava nos momentos de trabalho e lazer. Sim, porque ele gostava de tecnologia e não tinha medo dela. Lidava bem com o Word, Internet, descarregava com facilidade as fotos que tirava com sua câmera digital no computador e, inclusive, era amigo dos vírus – certa ocasião, ainda em Araxá, iniciante na informática, foi correndo falar comigo que o seu PC estava infectado por um vírus. Eu perguntei: E o que o senhor fez com o vírus Pe. José? Salvei! – respondeu ele, alegremente.

Tomo a liberdade de colocar certos trechos desta autobiografia nesta Carta. É sempre bom ouvir o testemunho daqueles que nós amamos. Pe. José vai falar um pouco sobre sua vida. Infância, família, amigos, de Araxá, cidade por ele amada até o fim, da Igreja, do seu ministério como Salesiano de Dom Bosco. Retiro estes trechos do CD que encontrei em seu quarto após sua morte – ele, naturalmente, o já me havia mostrado. Faço questão de manter o seu estilo literário, marcado pela sinceridade e simplicidade, como todos poderemos constatar.

Nasci na cidade de Araxá, MG que muito amo e na qual estou residindo há 23 anos, desde 1978, com breve interrupção de dois anos em que morei em Patos de Minas e Guimarães, ambas da Diocese de Patos de Minas, à qual estive emprestado por dois anos. Nasci de uma família pobre, meu pai chamava-se Sady Perfeito e era barbeiro e minha mãe era a senhora Maria Felismina Perfeito, do lar. Ele era araxaense, filho do Sr. Teofredo Perfeito e de Da. Carmelita Lopes Perfeito. Meu avô era comerciante e minha avó do lar. Meu avô nasceu provavelmente em Nova Ponte, MG. E minha avó em Sacramento. Os bisavós paternos eram: Joaquim Perfeito Alves Ribeiro, português, um dos fundadores do lugar, então chamado Água Suja e hoje Romaria, MG. Foi chefe da Comissão encarregada da construção da igreja e foi ele que providenciou a compra e a vinda da venerável imagem de Nossa Senhora da Abadia, padroeira dos Garimpos. Devoção originária de Portugal, de Bouro, lugar aprazível, cheio de bosques, onde existe um lindo santuário, onde ainda hoje se venera a Virgem Maria da Assunção, titular da antiga Abadia ou Mosteiro ali existente. Minha bisavó materna era a Sra. Veríssima de Affonseca e Silva, natural de Paracatu, MG e aparentada com o Sr. Sebastião de Affonseca e Silva, historiador e pai de nosso Dom José Gaspar de Affonseca e Silva, 2o arcebispo de São Paulo. Eles eram donos de Garimpo em Bagagem, MG. Com o advento da Guerra do Paraguai perderam muitos de seus garimpeiros, que fugindo da convocação para a Guerra, embrenhavam-se nas matas, criando garimpos clandestinos. Assim meu bisavô foi também para lá, abrindo ali novo garimpo. Meus avós maternos eram o Sr. Jacinto Silva, nascido em Maruí, Sergipe, militar de profissão (Polícia Militar) e minha avó, Da. Placedina Rosa Silva, do lar.

Também eles levaram uma vida difícil e de muitas privações, minha avó ajudava nas despesas da casa lavando e passando roupas, no início de sua vida de casada. Meus bisavós maternos eram, conforme bilhete deixado por meu Avô Jacinto Silva, o Sr. Gonçalves da Silva e Da. Rosa Margarida da Silva pelo seu lado paterno e o Sr. Jacinto dos Santos Caçador e Maria Purcina Caçador pelo seu lado materno. Os seus pais ficaram ignorados, ele não falava deles. Parece-me que ele teve um desentendimento com a família e fugiu dela. Pouco ou nada sabemos dos pais dele. Sabemos que veio ainda adolescente escondido no fundo do navio de Sergipe para a cidade do Rio de Janeiro, entrando aí para a Polícia Militar e de lá para

Minas Gerais onde se encontrou com a Vó Dina, que era de Patrocínio, lá se casaram. Ela era filha da Bisavó Benedita, irmã por parte de mãe da tia Fiuca ou Francisca, casada com o Tio Sebastião e teve outras irmãs por parte, de mãe. Por parte de Pai, era irmã do Tio Elpídio Lacerda, que conhecemos. Tiveram apenas duas filhas, tia Alice e minha Mãe e vários filhos, José, Álvaro, Osvaldo, Rosivaldo e Omar. Todos educados na honestidade, na seriedade de vida e foram bons maridos e muito trabalhadores: alfaiates, funcionários. O único que conseguiu fazer o Ginásio foi o Tio Omar, depois fez o curso de comércio e tinha um escritório de contabilidade. Criou muito bem seus filhos, dando-lhes oportunidade de estudos e hoje, os dois filhos com curso superior, e bem empregados são a sua glória e a sua honra. Meus pais tiveram seis filhos, o único homem sou eu e mais cinco mulheres, a última prematura e durou menos de 24 horas, sendo batizada pela parteira, em casa, com o nome de Maria Abadia. As outras foram Maria, Terezinha, Benedita e Dalcly, graças a Deus ainda vivas. Nossa vida era a de crianças pobres, porém cercada de carinho pelos pais, pelos avós e pelos tios. Brincávamos de fazer casinha, riscando no chão ou descrevendo com tijolos seguidos o conjunto da casa. Eu reparava que de vez em quando Papai colocava mais uma cama em nosso quarto, é que ia chegar mais um irmãozinho ou irmãzinha, eu ficava esperançoso esperando um irmãozinho, mas na realidade só chegavam irmãzinhas, que eram também queridas e bem vindas. Lembro-me do nascimento de todas, menos a primeira. Da segunda tenho vaga idéia, das outras três lembro-me bastante. Lembro-me também das casas onde nasceram. Lembro-me de minha mãe nas lides da cozinha, fazendo almoço ou jantar, também torrando ou moendo café, lavando e passando roupas. Lembro-me quando ela apareceu com a boca entortada e ficamos preocupados. Lembro-me de que ela só usava chinelos ou champiões de pano, muito humildes; era a pobreza, faltava dinheiro para comprar sapatos mais bonitos. Talvez por isso ela quase não saía de casa. De vez em quando ia à casa de meus avós. Recordo-me de que, pequeninos, dormíamos cedo e na hora de voltar, meus tios ajudavam minha mãe carregando-nos no colo, eu sentia o baque do andar, mas não acordava. Minhas irmãs trabalharam muito. Eles se fizeram e conseguiram subir na vida, conseguindo certo conforto. Maria foi funcionária concursada na Rede Ferroviária Federal, tendo logo após sua formatura como normalista, exercido o magistério no Colégio São Domingos, assumindo depois seu posto no escritório da Rede Ferroviária em Araxá e depois em Belo Horizonte, onde se aposentou.

Terezinha trabalhou no salão de beleza de minha tia em Araxá, passando depois a ser proprietária do salão. Transferindo-se para Belo Horizonte, fez o curso de costura “Yoli” e ensinou esse em Belo Horizonte, tendo numerosas alunas. Durante algum tempo, foi também costureira até a aposentadoria. Benedita trabalhou também no salão de minha tia e depois passou a trabalhar como auxiliar de costureira com minha prima Josefina ou na intimidade, Safina. Depois veio para Belo Horizonte, onde terminou seus estudos secundários e prestou concurso para o Banco Itaú onde trabalhou até aposentar-se. Tanto ela como a Iná, freqüentaram escola de motorista tirando a respectiva carteira. As duas e principalmente a última eram as motoristas do carro que adquiriram e que foi trocado por novos veículos por bem duas vezes. Atualmente resolveram vendê-lo para comprar mais um apartamento que alugam. Lembro-me que vivíamos felizes e fraternalmente unidos a nossos pais, avós e tios, que nos davam muito carinho e afeto. Eu gostava de passar o dia no salão com meu pai. Ele gostava muito de ir algumas vezes pescar e caçar, aos domingos e feriados e sempre me levava com ele. Depois que a Iná completou 15 anos, meu pai que nunca mais se casou, alugou uma casa onde as reuniu novamente. Nessa época eu já estava no seminário. A morte de minha mãe muito me abalou. O que eu temia aconteceu. Doença prolongada, preocupações e finalmente a morte. Que tristeza! Comecei a chorar em voz alta e aos gritos quando ela ainda agonizava e me tiraram do lugar. Nossa vida de aí em diante se transformou, cada um para um lado, espalhados pela casas de nossos tios. Maria ou como chamávamos Iná, foi morar com a Vó Dina, as outras com os outros tios. Eu a princípio fui com meu pai para a casa de minha tia Aracy, que a gente chamava de tia Chica que era casada com o tio Chico ou Francisco Penelo. Mais tarde minha avó, Carmelita, voltou de Belo Horizonte para Araxá, juntamente com Tia Maria e Tio Ciro Almeida. Meu pai passou a residir com ela e eu fui morar com minha tia Rita, insistiu comigo e conseguiu me convencer a ficar com ela, pois eu seria o seu segundo filho, companheiro de seu Filho Teofredo. Com ela passei três anos, foi a época em que entrei para os coroinhas do Pe. José Piasek, pois gostava de ver meus primos Antônio e Vicente com suas batinas vermelhas e acabei por imitá-los...

Conheci o Pe. José Perfeito em 1999, um ano após minha ordenação presbiteral. O então Inspetor, Pe. Tarcísio Scaramussa, chegou a mim com esta novidade: queria que eu ajudasse o Pe. José, em Araxá, na paróquia, todos os finais de semana! Confesso que, de início, achei a idéia um tanto quanto, digamos, esquisita... para não usar um adjetivo mais categórico. Explico-me: naquela época, morava na casa do Pós-Noviciado, em Belo Horizonte. Lecionava no ISTA – Instituto Sto Tomás de Aquino – e colaborava com a formação dos estudantes de filosofia. Araxá, no triângulo mineiro, não fica, de forma alguma, perto de Belo Horizonte. De ônibus, gastam-se boas cinco horas e meia de viagem! Como é que eu faria este trajeto em todo final de semana? Por melhores que fossem as intenções do inspetor e minhas, será que valeria a pena? Não haveria uma solução mais razoável? Essas eram as minhas dúvidas. Em todo caso, aceitei a proposta e comecei, então, meu período de itinerância. Saía de Belo Horizonte nas quintas ou sextas-feiras para Araxá e retornava aos domingos. Cumpri esta missão durante dois anos. E hoje posso dizer com certeza que este foi um dos períodos mais ricos e felizes do início de minha vida presbiteral!

Encontrei em Araxá uma Comunidade Salesiana realmente acolhedora e fraterna! A começar do então diretor, Pe. Adelson Zambon, todos me receberam com imensa alegria e, num tempo muito curto, Araxá tornou-se para mim como uma segunda casa. Era com alegria e satisfação que eu enfrentava a estrada todo final de semana. E, com o povo da Paróquia São Domingos, comecei a aprender o que significava “ser padre.”

Pe. José se desdobrava em gentilezas para comigo e não sabia o que fazer para me agradar! Recebia-me com grande afeto, falava sobre a paróquia, me mostrava a cidade, e eu o acompanhava aonde quer que fosse. Daí nasceria uma grande amizade entre nós, que duraria até ao final de sua vida.

Comecei a perceber com que dedicação ele trabalhava na paróquia! Alegre, tratava a todos com amabilidade e cortesia, sem perder, naturalmente, a compostura e a seriedade que o cargo exigia. Preocupava-se com a pastoral, visitava as famílias, tinha alegria em celebrar a Santa Missa para o povo. Dizia com frequência, citando um seu professor dos tempos de estudante: “O padre vale a missa que celebra!” Atendia às confissões com zelo e tinha paciência com o povo de Deus. Nas poucas ocasiões em que o vi bravo, às vezes até com razão, pedia desculpas em seguida. E sempre brincava, num trocadilho com o seu sobrenome: “Eu sou o único padre perfeito da Inspetoria!” Antes de alguma celebração litúrgica solene na

paróquia, costumava ficar ansioso, com aquele medo natural de que alguma coisa não saísse certa ou conforme o combinado. Aí me recordo com alegria do Antônio, sacristão da Matriz São Domingos, que dizia: “Pe. José, calma! O Senhor não pode ficar nervoso! Olha o diabetes!”

Definitivamente, o Pe. José não conseguia ficar parado! Trabalhador como ele só, sempre se ocupava com alguma coisa. Quando não estava na pastoral, ocupava-se com boas leituras ou com a preparação das homilias. Aliás, sempre me admirei da dedicação que ele tinha para com a preparação das pregações. Lia vários livros sobre as leituras dominicais e era comum, ao final, ele dizer: “Pe. Francisco, li tantos livros sobre o Evangelho dominical que, agora, nem sei o que dizer! Vamos conversar sobre a pregação de domingo?” E, conversando, nos ajudávamos na pregação. Ou, às vezes, quando chegava em Araxá, ele sentava-se ao meu lado e perguntava: “Fale-me sobre alguma novidade da Teologia!” – como se eu fosse lá algum grande teólogo! Aliás, intelectualmente, o Pe. José era também extremamente bem preparado! Como já disse, gostava muito de ler e sempre estava por dentro das novidades e movimentos eclesiais. Gostava de manter-se atualizado e era extremamente curioso, qualidade que fazia questão de cultivar mesmo na velhice. Queria saber das coisas, de tudo! Na semana em que morreu, estava lendo justamente um livro sobre a Ressurreição, do Queiruga. E havíamos comentado este livro. Lembro-me de uma das questões levantadas por ele justamente a partir desta última leitura: “Como será a Ressurreição?” Também, em certa ocasião me disse: “Pe. Francisco, nós fizemos Teologia de cima para baixo. Vejo que agora é justamente o contrário. Vocês estudam de baixo para cima e isto é bom porque é a partir do homem que se pode chegar a Deus.”

Bem preparado, ele não somente amava a Igreja, mas também, conscientemente, sabia fazer suas críticas à mesma. E, com a experiência que tinha, era extremamente interessante ouvi-lo. Tanto que, numa ocasião, já aqui em Goiânia, eu o convidei para falar sobre a Igreja Pré-Vaticano II para os meus estudantes de Ecclesiology do Seminário Inter-Diocesano. Foi uma palestra interessantíssima! Todos gostaram e ele recebeu vários elogios. Na simplicidade, ele colocou sua própria vivência eclesial, seus sentimentos, sua alegria na mudança de uma Igreja Hierárquica para uma Igreja Povo de Deus! Não obstante, ainda que muitas vezes crítico, eu o ouvia dizer: “Prefiro errar com a Igreja do que sem ela!” Era o amor, falando mais alto. Outras vezes, também dizia: “Muitas vezes, o Direito Canônico atrapalha a Pastoral!” Esse era o Pe. José, fino na sua crítica...

Como morasse pertinho da matriz, pude sempre acompanhar o Pe. José Piasek no seu ministério. No meu turno, tinha que levantar cedo para a Missa da Santa Casa, às 5.30h da manhã. Nos domingos, após a Missa da Santa Casa, o carro do Hotel Colombo nos levava ao Barreiro para a missa na capelinha do Hotel. Após a Missa saboreávamos um apetitoso café da manhã. Era um belo passeio. Na matriz tínhamos nossos brinquedos, tínhamos também reuniões com aulas de História Sagrada, de Boas Maneiras, de palavras de Missa, em Latim. Cantávamos cantos religiosos, havia brincadeiras, era tudo muito bom.

À noite havia o terço e a “boa noite” do Pe. José Piasek. À saída, na porta, recebíamos as guloseimas: pé de moleque, rapaduras, balas, etc. Era comum acompanhar Pe. José na visita às casas e às famílias, ele levava sempre na valise a sobrepeliz, estola e água benta, pois terminava sempre dando a bênção de Nossa Senhora Auxiliadora, pedia sempre ajuda para as vocações e recebia donativos para os coroinhas.

Eu iniciei meus estudos no Grupo Escolar Delfim Moreira, ainda quando vivia minha mãe. No segundo ano já estava na casa de minha tia. Tive como professoras Da. Luízinha Faria e no último ano, Da. Maria Josefina Salomão. Nossa Diretora era Da. Yayá ou Maria de Magalhães e a Vice era Da. Alice Moura. Mestra de canto, Da. Jupira. Professora de trabalhos manuais minha tia Quinha. Terminei o primário no ano de 1940. Na diplomação nosso paraninfo foi o Revmo. Sr. Pe. Cristóvão Porfírio de Almeida, filho de Araxá. Lembro-me de suas palavras: Servir a Cristo e à Pátria, cujos símbolos são a Cruz e a Espada. Bem mais tarde quando já vigário em Araxá, encontrei-me novamente com o Pe. Cristóvão já velho, que veio pedir para celebrar a Missa. Lembrei-lhe então que ele fora meu paraninfo e falara da Cruz e da Espada.

Recordo-me com saudade de meus anos de Delfim Moreira, dos dias de excursão. Nossas professoras substituíam as aulas costumeiras por passeios por lugares aprazíveis, cada um com caderno e lápis, para desenhar paisagens ou anotar alguma coisa. Um vez fomos à fábrica de gelo no final da Rua Boa Vista, quase fora da cidade. O dono nos mostrou também reações químicas com líquidos dentro de frascos de vidro, colocava, um líquido parecido com água e jogava outro e tudo mudava de cor, parecendo vinho. Certa vez, tivemos que madrugar pois a excursão ia começar bem cedo. Íamos ver o nascer do sol. Saímos do Delfim Moreira, bem cedinho,

com um ventinho fresco, matinal e caminhamos para o final da rua, além da Vila Vicentina, onde a Cidade parecia terminar, quando vimos surgir do alto do morro lá no Bairro alto, o vermelhidão da aurora, seguida logo depois do sol brilhante meio avermelhado.

Mais tarde no seminário nos dias de passeio das quintas feiras, saindo pelos campos, recordava-me dos meus tempos de aluno do Grupo Escolar Delfim Moreira nos dias de excursão.

Minha professora foi Da. Luizinha (Luiza de Oliveira Faria). Era muito dedicada, gostava de seus alunos e os defendia. Os mais atrasadinhos, ela os levava para sua casa e procurava ajudá-los para alcançar os outros.

Seus filhos eram exemplares. Ela os tratava com carinho, mas, sabia exigir deles o que era necessário. Meu colega de classe foi o Paulo Cardoso, comportado, calado e aplicado.

Um deles, parece-me que o Helvécio ou o Pedro, não sei, tinha um “kit” de instrumentos de marcenaria em miniatura e os usava fazendo pequenos móveis.

Antes de subir para as salas, rezávamos no pátio, abaixo da escadaria central, uma Ave Maria e Da. Yayá ou Da. Alice Moura, diretora e vice, faziam alguma exortação ou davam algum aviso e depois todos se dirigiam para as respectivas salas. Tia Quinha e Da. Santinha eram professoras de trabalhos manuais e a gente gostava muito de suas aulas. Fazíamos objetos de barro e as meninas bordados e outros. Da. Jupira se encarregava dos cantos e tocava o piano. Também Da. Carmosina fazia o mesmo e suas filhas, Egídia também tocava e Maria Antônia cantava.

Meu colega preferido era o Orestes, filho do Sr. Firmo da Banda, ele era muito comportado, calado e sempre saímos juntos no final das aulas. Ele tinha uma pasta de madeira de cor preta, onde colocava os livros.

Minha tia Rita deu-me duas pastas antigas usadas por seus filhos. Dei uma para minha irmã Iná e fiquei com a outra.

Na casa da Tia Rita, havia um grande porão por baixo do assoalho e eu de meu vizinho, Rubens filho da Da. Iveta, brincávamos nele, de cavernas, bandidos, etc. às vezes enterramos bolinhas de gude ou outros objetos para serem depois encontrados como se fossem tesouros ocultos. Após mais de um ano desenterrei as bolinhas e as usei para brincar.

Da. Iveta fazia pães de queijo, broas, quitandas para serem vendidas na “Merendeira” do seu Tino, seu marido. A gente sentia todo o cheiro gostoso, mas, não nos era dado comer. Tinha inveja dos meus primos Vicente, Totonho e Dega, ao vê-los carregando sobre o braço as batinas vermelhas com as sobrepelizes brancas dos coroinhas, e por causa disso, procurei entrar também para os coroinhas e ganhei de minha tia uma batina e uma sobrepeliz novinha. Meu grande amigo e vizinho como já disse era o Rubens, filho de Da. Iveta e irmão do Romeu e da Odete.

No primeiro ano gostava de brincar com Teofredo que chegava do Colégio de São Paulo (Liceu Coração de Jesus). Fazíamos estradas no quintal do fundo e fabricávamos tijolinhos de barro, usando caixa de fósforos como forma. Colocávamos nos caminhãozinho de brinquedo e os conduzíamos nas estradinhas até São Paulo (de mentira). Depois, nos anos seguintes, ele já havia crescido e seus interesses eram outros.

Eu era muito acanhado e tinha um temor reverencial para com meu tio, por isso não gostava de assentar-me à mesa nas horas de refeição, preferia ficar à parte, comendo numa prateleira ou no pórtico externo, apesar dos chamados de minha tia e dos primos.

A primeira noite na casa de minha tia, foi difícil para mim, pois eu era pobre, tinha cama de menino pobre e lá, na minha imaginação, era casa de ricos, as camas eram as de marca “patente”, de molas. Eu estava com sono, mas, não era capaz de perguntar a ninguém onde ia dormir e qual era o meu quarto e a minha cama. Depois, até que em fim, perceberam que eu estava com sono e me acomodaram numa cama de rico. Ao terminar o grupo escolar fui, com 11 anos de idade para São Paulo. Fomos com o Pe. Philippini, saímos os cinco no táxi do Álvaro, irmão da Geralda do França até Uberaba pela antiga estrada de terra. Foi divertida a viagem, fizemos um lanche na Pedra Grande e continuamos até Uberaba, que me pareceu uma cidade muito grande. Os Motoristas de táxi tinham que usar boné.

Fomos visitar Dom Alexandre e com ele almoçamos. As 15.00 hs tomamos o trem para São Paulo. Viajamos naquela tarde e a noite toda. Gostei demais. Era a primeira vez que viajava de trem. Depois fomos ao carro restaurante para jantar. Que delícia. O Trem até parecia uma casa. Ao voltar ao nosso lugar, deixando o carro restaurante, vimos passar várias cidades. Depois veio Ribeirão Preto com a grande fábrica da Antártica. Houve manobras e depois seguimos para frente. Ao chegar a Campinas, fizemos

a baldeação para a Paulista, carros largos bem confortáveis. Locomotivas elétricas, bem mais rápidas. Mais duas horas e estávamos em São Paulo, aproximando-nos da Gare da Luz. Chegamos lá, tudo fazia respirar ares de cidade grande. Subimos uma longa escadaria e deparamos em cima com uma rua bem movimentada. Tomamos um taxi, o taxista com muito sotaque italiano, nervosinho e depois de alguns giros chegamos à linda portaria do Coração de Jesus, já vista por mim nas fotos da Revista que o Teofredo sempre levava. Eram umas 10h da manhã e entramos pelo grande colégio adentro. A portaria era enorme, cheia de grandes quadros. Fomos logo acomodar as malas no dormitório. As ruas circundantes tão barulhentas e movimentadas, com os bodes que eu via pela primeira vez. Depois tudo como já descrevi acima. No Liceu encontramos o nosso grande amigo de Araxá, Pe. José Costa do qual falarei adiante. Ele nos viu e disse: Amanhã quero levar vocês para dar um passeio na cidade, peçam licença ao Padre Diretor. Ficamos num grande entusiasmo e fomos falar com o Pe. Giacotto e ele logo nos disse, com quem vocês vão? Com o Pe. José Costa e ele imediatamente responderam, com ele não. Foi um desmancha prazer e não entendemos, só fomos entender mais tarde em Lorena, quando o Pe Diretor chamou os de Araxá e pediu-lhes que rezassem muito pelo Pe. José Costa porque havia dado uma cabeçada. Deixou repentinamente a batina e deu novo rumo em sua vida, casando-se a seguir. Naquele tempo isso era inaudível. Pena de excomunhão e afastamento.

Pe. José Perfeito era um homem simples, bondoso e extremamente bagunçado! Os arquivos do seu computador refletiam bem a estrutura organizacional do seu quarto e escritório, ou seja: uma coisa por cima da outra, na maior desorganização. Mas ele sentia-se plenamente à vontade assim. Era comum encontrar por sobre a sua mesa de trabalho ou escrivaninha do quarto o Breviário, um pacote de CDs, alguns biscoitinhos diet, um monte de pilhas, um radinho, a máquina fotográfica digital, papéis dos mais diversos, imagens de santos, antigas fitas K7 de música, lanterna... Em algumas ocasiões ele parecia incomodar-se e fazia o bom propósito de manter as coisas arrumadas. Mas, dois ou três dias depois e, pronto, já estava a bagunça feita de novo. Particularmente, devo confessar, achava o quarto do Pe. José das coisas mais interessantes e curiosas! Havia quase de tudo! Parecia um daqueles sobrados onde se podiam encontrar coisas velhas e novas. E ele conhecia a história de tudo, nos mínimos detalhes. E era comum nos presentear com alguma coisa. Aliás, nunca vi criatura

tão desprendida e desapegada! Certo dia, eu o peguei cochilando em sua cadeira de descanso, terço na mão. Entrei e fiz um comentário sobre o quanto aquela cadeira deveria ser boa para descansar. Sem hesitar, o Pe. José disse: “*É muito boa mesmo! Tome, leve-a para você!*” É claro que não aceitei o presente, mas impressionou-me muito a espontaneidade daquele coração generoso!

“*Vamos passear!*” Este era um convite irrecusável! Nunca vi o Pe. José desanimar de um passeio. Aliás, gabava-se de ter estado na Europa umas três vezes, “sempre em alguma peregrinação”, como ele gostava de frisar. Fotografava tudo, ainda mais depois do surgimento das câmeras digitais. Não havia memória que bastasse! Depois, feliz, descarregava as fotos no computador... e não sabia encontrá-las. E lá ia eu, ajudá-lo a encontrar as benditas! Mas, voltando aos passeios, nunca vi tanta animação. Certa ocasião, já em Goiânia, planejamos, Pe. Schiavo e eu, de ir ao Shopping. Convidamos o Pe. José, que aceitou prontamente. Já na garagem, o aguardávamos. Qual não foi nossa surpresa quando o mesmo nos aparece de bermuda, sandália nos pés e boné! E disse, na maior simplicidade: “Vocês vão de bermuda, então eu também vou!” O que fazer? Partimos para o shopping, para o perder logo depois em uma das lojas. Tinha entrado num provador para experimentar uma calça que parecia, finalmente, atendê-lo. O Pe. Schiavo, preocupado, entra no provador e começa a chamar, discretamente: “*Sr. José, Sr. José, Sr. José!*” Lembremo-nos de que o Pe. José era meio surdo.

Aliás, essa sua deficiência auditiva, que ele assumia com a maior tranquilidade, gerava bons momentos em nosso cotidiano. Era comum, por exemplo, pedir: “*Pe. José, por favor, feche a porta!*”. E a resposta: “Horta? Onde é que tem horta?”

Certo dia encontrei o Pe. João de Oliveira a bater na porta do Pe. José. E nada. Pe. João batia mais forte. E nada. Por fim – a essa altura eu também já estava envolvido no processo – fomos até o arquivo pegar a chave reserva. Estávamos preocupados, afinal, a saúde do Pe. José ultimamente andava bastante frágil. Qual não foi nossa surpresa quando o encontramos, concentrado, a rezar as Vésperas. Ele havia retirado o aparelho do ouvido para descansar e concentrar mais na oração, conforme nos disse. E sempre que havia algum movimento mais barulhento nas quadras do colégio ou mesmo no campo de futebol, ele reduzia o volume ou retirava o aparelho do ouvido. Nestas ocasiões, eu costumava brincar dizendo que invejava este seu privilégio!

Muito discreto, não gostava de incomodar e não se metia onde não era chamado. Costumava dizer que, estando aposentado, e não mais à frente de qualquer paróquia ou obra que fosse, podia, finalmente, gozar de certas regalias, como, por exemplo, o direito de não se preocupar demasiadamente com as coisas. Quando pedíamos algum conselho ou mesmo nas reuniões da comunidade ele sempre participava ativamente. Era uma presença alegre, paterna, espiritual, bondosa, que enriquecia a comunidade com sua vasta experiência salesiana e pastoral. Às vezes, brincávamos com ele: *“Pe. José, o Sr. ainda vai ser nomeado bispo!”* Ao que ele respondia: *“Deus me livre! Já passei da idade, tenho mais de setenta e cinco anos. O único cargo que eu ainda posso ocupar na igreja é o de Papa!”*

Ali no Liceu fiz um rápido curso de admissão ao Ginásio, de um mês, seguindo depois para Lorena, SP. No Liceu fui tomado de grande saudade, principalmente à noite durante o longo estudo da noite, minha fantasia estava sempre em Araxá, na casa de minha avó, onde todas as noites os tios e primos se ajuntavam, conversando e debulhando amendoim para os pés de moleque que vovó fazia. Recebi certo dia a visita de meu tio Ciro Almeida, que havia ido a São Paulo fazer compras para sua loja e ele me disse: antes de voltar para Araxá voltarei aqui novamente, se você precisar de alguma coisa me diga. Depois que ele saiu comecei a pensar: eu vou é voltar com ele para Araxá. E comecei a espalhar entre os companheiros que eu ia embora. O Pe. Giacoto, que tomava conta de nós, juntamente com os dois teólogos que nos assistiam, Sr. José Delmônaco e Sr. Bruno Ricco, mais tarde, grandes sacerdotes salesianos, me chamou e me passou um pito porque estava desanimando os outros, mas, depois, mudando de tom, conversou muito comigo e me deu um lindo santinho de Nossa Senhora Auxiliadora, debruado a ouro e escreveu atrás uma frase: Se você tiver dúvida de sua vocação, olha sempre para Nossa Senhora e reze para ela, pois é nossa mãe celeste muito querida e nos protege e nos encaminha para o bem. Eu guardei esse santinho durante muitos anos, e já depois de salesiano, o rasguei porque estava muito estragado.

No dia 31 de janeiro, celebramos a grandiosa festa de São João Bosco, no Liceu Coração de Jesus, participamos da solene liturgia, vestidos com as batinas vermelhas, meias vermelhas, sobrepelizes rendadas, e sapatos afivelados, barretes na cabeça! Todas estas vestimentas foram tomadas de

empréstimo ao pequeno clero do Liceu. Partimos no dia 3 de fevereiro para Lorena. Fomos de trem, pela Central do Brasil. Eu estava muito triste, porque pensava: estou ficando cada vez mais longe de minha família e se eu quiser ir embora?! O Clérigo Delmônaco me consolava, dizendo: Você vai gostar, Lorena é um lugar muito bom, é minha terra, eu vou levá-lo para conhecer minha família. E lá fomos... Ao chegarmos à estação, cada um pegou a sua mala e fomos a pé para o grande Colégio São Joaquim, pois a estação ficava pertinho dele. Antes de irmos para Lorena, passou por lá um padre que tinha trabalhado em Araxá, e do qual éramos muito amigos, Pe. José Costa. Tocava bem piano, tratava muito bem todos os meninos e era moderninho, gostava de caçar, de andar a cavalo, dele já falei acima. Infelizmente deixou a batina e casou-se passando grandes apertos financeiros. Quem o amparou e ajudou caridosamente foi o grande Arcebispo de São Paulo, Dom José Gaspar. Pe. José Costa, encontrando-se com o venerando e querido Pe. João Renaudin, um velhinho de cabelos brancos, professor afamado de Inglês, figura lendária do São Joaquim, era paranaense, filho de pai francês e mãe inglesa. Muito educado e meigo, pedira-lhe que amparasse os meninos de Araxá, pois eram pequenos e vinham de longe. Então o bondoso padre de cabelos brancos e com voz afável postando-se entre as duas fileiras, repetia a cada instante: Onde estão os meninos de Araxá? Onde estão os meninos de Araxá? Quanta emoção senti quando ouvi aquelas palavras !!! Estava com o coração partido, porque era muito apegado aos meus parentes, mas, percebi que ali havia alguém que era amigo. De fato, foi tão bom conhecê-lo, tornou-se depois meu confessor e muito amigo. Logo percebi que os salesianos eram todos muito bons, que se preocupavam conosco.

O Diretor Pe. Sílvio Satler veio nos dar as boas vindas, dizendo-nos que estávamos em casa, Que lá era o lugar da alegria e ninguém poderia ficar triste. De fato houve teatro, festa, os brinquedos eram animados e os padres tomavam parte nos brinquedos junto com os assistentes. Depois de alguns dias, alguns de nós fomos designados para a Escola Agrícola, para fortalecer mais nossos conhecimentos básicos para o Exame de Admissão ao Ginásio. Paulo Carvalho que havia feito o 4º primário no Colégio Dom Bosco de Araxá, ficou direto no colégio São Joaquim, eu e João fomos para a Escola Agrícola, onde permanecemos o ano inteiro. Fomos muito bem recebidos pelo Diretor, Pe. João Bertoldi, pelo Assistente Sr. Clérigo Antônio Giacomino, pelos irmãos Afonso Reis e José Kascianowsk, polo-

nês. Pela manhã trabalhávamos na agricultura, com muita suavidade, sem imposições pesadas, fazia muito bem para a gente e após o almoço o estudo e as aulas. Nas festas passávamos o dia no São Joaquim, misturados com os outros alunos, onde havia esporte, brinquedos e teatro à noite. Era tudo muito bom.

Todas as quinta feiras, em vez do trabalho, saíamos a passeio e lembro-me do Clérigo Giacomino, mas, tarde sacerdote e missionário na China e no Vietnam, hoje já octogenário e residente no Bom Retiro em São Paulo, ele nos contava as histórias e os sonhos de Dom Bosco. Eu gostava demais de ouvi-lo e com ele aprendi muita coisa de Dom Bosco. Na Escola havia tantas frutas gostosas e apareciam com frequência no refeitório. No Pomar não era permitido colhe-las. Tinha que ser assim, de outra forma iam acabar num instante. No ano seguinte fizemos o exame de admissão e entramos para o 1º Ginásial no Colégio São Joaquim. Foi um ano muito feliz e perdi totalmente a saudade de casa. Mas quando via o córrego Taboão correndo no fundo do pátio, lembrava-me das pescadas em companhia de meu pai correndo pelos fundos, lembrava-me de novo do meu Araxá com a sua RMV. Fiz o primeiro ano ginásial em Lorena. Lembro-me com saudade do nosso querido diretor, Pe. Escalabrino Olívio, de um porte nobre e muito educado, que nos atraía e encantava com sua bondade, o assistente, o clérigo Rossi de quem muito gostávamos. Era muito animado e criativo. Lembro-me dos padres e professores, Clérigo Marcos, Clérigo Honorino, Clérigo João Baldan. Do irmão enfermeiro, Sr. Carlos Cora. Após o primeiro ano, uma turma foi destacada para fazer o 2º ano em Lavrinhas e para lá fomos e lá cursamos do 2º ao 4º ano. Fomos de trem e lá encontramos gente boa, como nosso Diretor o Pe. Ladislau Paz, o Pe. Hugo Neves Ferreira, nosso catequista, Meu assistente foi o conterrâneo, Clérigo Henrique Ribeiro de Brito, tirocinante, e o colega e conterrâneo, Paulo Carvalho Cunha, Os padres Noronha, meu confessor e muito amigo.

O Clérigo Júlio Comba, o Clérigo José Romano, mais tarde Inspetor da Inspetoria de São Paulo. Pe. Mário Reis, professor de Geografia, Pe. Schmitz, professor de português, o Sr. Irmão Avelino Gerardi, alfaiate, enfermeiro e grande artista, cantava bonito, trabalhava no teatro. O colega, João dos Santos, permaneceu em Lorena até o 3º ano, indo depois para Lavrinhas e lá fez o 4º ano. Deste modo, de Lavrinhas fomos os três araxaenses para o Noviciado em Pindamonhangaba, os três araxaenses.: Paulo Carvalho Cunha, João Ferreira dos Santos e eu. Josafá, que era de Sa-

cramento, voltou logo nos primeiros do Liceu de São Paulo para sua casa. Desses três só eu cheguei ao sacerdócio. O João tornou-se irmão leigo, devido à doença que lhe apareceu, engrossando-lhe os dedos e endurecendo as juntas. Foi para o Liceu Coração de Jesus, depois do primeiro ano de filosofia e lá ficou até a morte. Criou um grupo de Cantores, os “Pequenos cantores Liceanos” que se tornaram afamados, aparecendo nas televisões e viajando por várias partes do Brasil. João carregou a sua cruz por muitos anos. Todos os anos vinha passar férias conosco em Araxá, aqui trouxe também várias vezes seus pequenos cantores e durante o meu Paroquiato em Araxá veio a falecer sendo aqui sepultado no jazigo dos Salesianos. Trouxeram o corpo o Pe. Inspetor de São Paulo, outro sacerdote daquela Inspetoria e mais dois cooperadores. Houve Missa de Corpo presente, presidida pelo Inspetor e concelebrada pelo Pe. Davi, pelo Padre de São Paulo e por mim que também fiz a homilia. Paulo Carvalho foi clérigo, terminada a filosofia em Lorena, foi fazer o tirocínio no Nordeste devido à sua grande amizade com o Inspetor de lá, Pe. Ladislau Paz, futuro bispo de Corumbá, mas, no final deixou a congregação.

Estando um dia passeando a margem da Lagoa da Pampulha, teve um colapso caindo na lagoa, não morreu por afogamento, mas, por colapso, pois, não havia água nos pulmões. Seus irmãos hoje residem em Belo Horizonte. Após o 4º ano ginasial, fomos para Pindamonhangaba para o Noviciado. Foi um ano muito bom e de grande espiritualidade. Muita alegria ao receber no dia 19 de março de 1946 a batina em São Paulo, no lindo e majestoso santuário do Sagrado Coração de Jesus recebemos das mãos das mãos de Dom José Selva, bispo missionário do Mato Grosso, a tão sonhada batina. Foi um ano muito gostoso, em que aprendemos de perto as coisas da congregação e participávamos da liturgia em forma coral, de batina, sobrepeliz e barrete. Neste ano misturávamos orações. Trabalhos, leituras, e pequenos passeios nas quintas feiras às capelas de outros noviciados para a visita ao Santíssimo. Em Pindamonhangaba recebíamos o confessor extraordinário e outros salesianos visitantes, que eram transportados da estação até o colégio por nossa humilde charretinha, preparada e conduzida pelo colega Aquilino Minela. Naquele tempo não se falava em carros como hoje. Tinha muito contato com o Pe. Mestre, creio que fui de muita transparência nos colóquios não lhe ocultando nada, era, conforme o modo de falar da época: “um livro aberto” e isso me deu muita segurança no prosseguimento de minha vocação. No final do noviciado

recebi com tristeza a notícia do falecimento de minha avó Carmelita, ocorrida em Araxá. Senti muito, rezei por ela. Fui um dos poucos que não fui ao enterro. Tive vários encargos, refeitoreiro mor, sacristão e certa vez, durante o recreio, estava arrumando a capela quando me chamou o Pe. Mestre. Isso foi logo após um dos escrutínios. (reunião dos superiores para avaliação dos noviços). Fiquei muito perturbado naquele momento e logo pensei: ele vai me parar o ânimo para dizer que não passei no escrutínio. Ser chamado naquela hora, durante o recreio após o almoço!? Porém não foi nada, não me lembro mais o que conversamos, acho que foi conversa fiada, para tirar minha timidez, talvez. Sempre fui muito tímido, mesmo antes de entrar para o aspirantado.

Goiânia! Passados os meus tempos de viagens para Araxá, após alguns meses de peripécias em Roma, acabei vindo para Goiânia e, depois da saída do Pe. Fernando Rodrigues, então pároco, assumi a Paróquia São João Bosco, continuando também diretor do CESAM. Certo dia, à noite, atendi a uma ligação do Pe. José, de Araxá. Entre uma e outra notícia, ele me disse: *Pe. Francisco, pedi ao Inspetor para te ajudar na paróquia de Goiânia! Que tal?* Naturalmente que já havíamos conversado um pouco sobre esta possibilidade e foi com satisfação que eu recebi esta notícia. A história se invertera. Agora, o Pe. José viria me ajudar! E eu fiz questão de buscá-lo em Araxá, numa viagem longa e cansativa, porém, muito gratificante. Ele trouxe praticamente tudo e o bagageiro do carro veio lotado! Confesso que fiquei muito admirado com esta sua decisão de vir para cá, dada à sua idade e o quanto ele era ligado e amava sua cidade natal, Araxá, da qual se lembrava todos os dias. Algumas vezes até comentávamos entre nós: *Pe. José saiu de Araxá, mas Araxá não saiu do Pe. José!* De fato, era assim mesmo. Aliás, era um amor recíproco. O povo de Araxá também amava muito aquele que fora, durante tantos anos, seu pastor tão zeloso. Seguem alguns depoimentos que recebi sobre o Pe. José Perfeito:

Quem foi o Pe. José Perfeito? (...) O que mais me chamou a atenção sobre a pessoa do Padre José foi a sua humildade e sua alegria. Certa vez ele me disse: Selma, quem não gosta de festa é uma pessoa doente. O cristão tem a obrigação e o dever de ser alegre! (Selma Maria Rios Feres, pela Equipe Litúrgica da Comunidade São Domingos de Gusmão, Araxá)

Tenho um grande pesar de não mais poder conviver com o Pe. José Perfeito. (...) Aprendi com o Pe. José que uma autoridade, um respeito e uma liderança não se conquista fazendo prevalecer idéias, conceitos e pontos de vista próprios, mas acolhendo, ponderando e respeitando a opinião de um grupo ou de uma pessoa. Ele se fazia respeitar como homem, como sacerdote e pessoa humana, apoiado em uma humildade que não era piegas e nem de fachada. (Vanira Montandon Dumont, da Paróquia São Domingos, de Araxá)

Conselheiro, confessor, modelo de virtudes, muitas vezes o Pe. José ajudou minha família nos momentos difíceis. Quantas e quantas vezes o vi consolando Carlos pela morte de José Romero com mensagens alegres de ressurreição e do amor misericordioso do Pai. Homem de fé, acreditava nos segredos felizes da eternidade! (Victória Martins Vieira Moura, Araxá)

Sacerdote salesiano, filho de São João Bosco. Como ele se sentia orgulhoso de ser padre já há 50 anos! Nós, araxaenses, também nos orgulhamos muito deste nosso filho ilustre. (...) Como pároco em Araxá, criou várias pastorais, reavivou o movimento dos Cursilhos de Cristandade, participou do Movimento Carismático – mas sempre pedindo moderação dos seguidores – e incrementou a Catequese na Paróquia que até então era feita nas escolas. Foi também durante seu período como pároco que houve mudanças no que se refere ao Ministério da Eucaristia. Padre José realizou ainda reformas na Matriz de São Domingos e, graças ao seu empenho, as pinturas artísticas das paredes e dos vitrais foram restauradas. (...) Ele tomava parte de todos os eventos da cidade, não só religiosos mas também sociais. Já beirando 70 anos de idade, resolveu aprender informática. Gostava de dizer: Hoje em dia quem não tem computador e não sabe entrar na internet é analfabeto. Foi ele quem me incentivou a comprar o computador. (Olívia Drummond Araújo, Araxá.)

Cercava-o uma aura de pai. Pai da paróquia, pai de todos. Santamente zeloso de suas funções. Conhecia a todos. Visitava a todos. Uma palavra aqui, outra ali... um aconselhamento, docemente bravo quando precisava, mas presença certa na doença, na morte, casamento, assistência espiritual, confissões, reuniões... procissões, zeloso atento a sua igreja. (...) E, se é verdade que Deus nos olha nos olhos e nos chama pelo nome, fácil é poder imaginar a cena, olhos nos olhos e a voz meiga do Pai: VENHA,

JOSÉ! (Sofia Tannus Malki, do jornal Correio de Araxá, Edição de sábado, 28 de julho de 2007.)

Obrigada meu Deus pelo Padre José! Suas visitas constantes nos hospitais, cadeias, Casa do Bom Samaritano, Fazendinha Senhor Jesus, Vila São Vicente, Creche de Nazaré, Orfanato, casas dos doentes, União dos Enfermos nas UTIs, deixavam sempre a esperança e as bênçãos. Jesus pediu e você foi fiel até o fim! (Sandra Ávila Aguiar)

Por ocasião das Bodas de Ouro Sacerdotais do Pe. José, o Pe. Henrique Ribeiro de Brito escreveu: Meu querido irmão de congregação e de sacerdócio e conterrâneo araxaense. 50 anos faz. Naquela manhã clara da Paulicéia do dia 04 de novembro de 1956, aquele belo grupo de diáconos, em longa procissão, entrava pela imponente nave central da granítica Catedral da Sé, de São Paulo. A cruz de Cristo os precedia, enquanto encerrando o solene cortejo, vinha, precedido de vinte e dois Arcebispos e Bispos, apoiado em seu báculo pastoral, a figura simpática e nobre do Núncio Apostólico, o Sr. Dom Armando Lombardi. (...) Ao seu lado, como seu presbítero assistente, você me quis, pela grande amizade que nos uniu no seu tempo de aspirante em Lavrinhas, pelo sabor da terra que nos unia, na lembrança e na saudade que tínhamos dela. (...) Bons anos do seu sacerdócio você os dedicou, na obediência dos cargos que recebeu dos superiores nos colégios, cuidando da piedade dos alunos e depois como diretor do aspirantado de Santa Bárbara. Após esta experiência, tendo em vista suas qualidades e dotes pessoais, você fez uma opção que mui cara lhe era ao coração sacerdotal, opção para o apostolado da pastoral paroquial. E até hoje você veio exercendo o mais profícuo e sacrificado ministério em prol das almas dos fiéis. O zeloso pastor, pastoreando o rebanho que o Bom Pastor lhe veio confiando. (...) Meus bons irmãos em Cristo. Julgar estes longos anos de pastoreio? Comentá-los? Apreciá-los? Quem há de? Eu não posso fazê-lo! São vocês que viveram estes anos todos, que sentiram a ação do pároco, é que poderão deles falar. Defeitos e falhas na ação humana certamente acharão. Os grandes quadros das pinacotecas têm no esplendor de suas cores e imagens, cores mortas, cores baças. O pintor as colocou para ressaltarem as belezas das cores vivas, a delicadeza das imagens e atitudes. O Senhor deixou os defeitos da natureza, para que pudéssemos apreciar mais as belezas das virtudes. Depende da humildade de nossas querências e pontos de vista. (...) Pe. José, é mística

esta hora de ação de graças. É misterioso na fé esta Missa de Bodas de Ouro Sacerdotais, que você celebra aqui neste augusto templo. Vejo: são carinhos de predileção que o Bom Pastor lhe confere.

Também em Goiânia o Pe. José celebrou, com alegria, suas Bodas de Ouro Sacerdotais. Aliás, foram 40 dias de festa e viagens! Ele estava muito animado. Andou inclusive por Jaciguá, ES, para celebrar. Também passou por Belo Horizonte, na Cabana, e foi muito bem acolhido pelo Pe. Levy, então pároco. Esteve também em Brasília com o Pe. Rubens, seu colega de turma, no Núcleo Bandeirante. Enfim, tudo foi feito com muita alegria e solenidade e digo com toda a sinceridade que o Pe. José ficou muito feliz com todas as homenagens que lhe prestaram por ocasião desta data.

Pe. José vai nos recordar agora dos tempos da Teologia e de sua Ordenação Sacerdotal:

Nossos votos perpétuos aconteceram no Santuário São João Bosco de São João Del Rei. Após o Retiro espiritual ali realizado. Éramos professores. Recebeu nossa Profissão o Revmo. Sr. Pe. Alcides Lanna, nosso Inspetor. Partimos para São Paulo para iniciarmos os nossos estudos no Instituto Teológico Pio XI da Capital, situado no alto da Lapa. Lugar ameno como muitas árvores, jardins. Perto passava a chamada Estrada das Boiadas, que já merecia este nome, pois era uma rodovia asfaltada, com bastante trânsito, que demandavam principalmente o Bairro Pinheiros, e o Butantan. Acima do atual Oratório Festivo e Paróquia Salesiana São João Bosco, ainda eram poucas as casas, mas, o local já começava a dar mostras de crescimento, que de fato aconteceu no futuro. Havia morros e estradas sem asfalto, aliás muito usadas pelos estudantes de Teologia em seus passeios. Cheguei lá no início de fevereiro do ano 1953. Gostei muito do ambiente e das pessoas.

Fui muito bem recebido. Partira do Rio de Janeiro, então sede da Inspetoria de Minas, viajei no ônibus “Cometa”. A Via Dutra na época, era ainda de pista única e oferecia dificuldades para ultrapassagens nas grandes subidas. Não havia rodoviária, apenas um lugar de desembarque numa agência de viagens, no centro da cidade. Tomei um táxi para chegar até o Pio XI com minhas malas. Gostei muito de lá e de alguma forma me sentia mais perto de Araxá do que em outros lugares onde havia morado, pois havia muito afluxo de gente de Araxá em São Paulo e eu mesmo ti-

nha parentes próximos que moravam lá. O prédio novo ainda não estava terminado e fomos morar os novatos no chalé que ficava no meio. Nossa turma ajudou a encerrar e completar o ambiente do novo dormitório trabalhando no recreio após o almoço. Depois de alguns meses fomos ocupar o novo prédio: os dormitórios com celas de madeira e cortina, o refeitório bem melhor e o novo triênio, muito bonito, todo rodeado de madeira para favorecer a acústica e em tablados em forma de anfiteatro. Tudo muito bom. Sentia-me muito feliz, alijado que estava dos anos sacrificados do tirocínio, com responsabilidade da assistência e das aulas e lá, tranqüilo com a única obrigação de estudar. Gostei muito do estudo: a dogmática, moral, direito, história da Igreja, Patrística, etc.

Estudava bastante, não perdia tempo. Nunca fui muito dado à prática de esportes, preferia seguir as rodas de conversa, que se movimentavam ao longo do muro que dava para a rua. De vez em quando, aos domingos, íamos ao Liceu Coração de Jesus para assistir algum cinema. Era muito bom. O primeiro ano foi para mim uma vida nova muito agradável principalmente pela expectativa do recebimento sucessivo das ordens menores, e depois das maiores. Embora desafinado, pertencia ao grupo dos cantores. Fomos cantar a semana santa do Santuário do Sagrado Coração de Jesus, conduzidos até lá por um ônibus particular de uma escola de irmãs. Ao final do ano, recebemos a tonsura eclesiástica das mãos do novo bispo salesiano, Dom João de Resende Costa, bispo de Ilhéus na Bahia. Partimos para as férias, fui passá-las na casa de Jaciguá, ES. onde havia trabalhado no tirocínio. Nas missas solenes já podia ajudar de subdiácono, uma vez que já era oficialmente clérigo da Igreja. E assim foram se sucedendo os anos da teologia. Com novas matérias, novos professores e colegas. Aos domingos participávamos de duas Missas, sendo a segunda, solene, com a presença de acólitos, subdiáconos e diáconos. As Missas da comunidade no início eram dialogadas e isso favorecia bastante nossa participação litúrgica. Depois da visita canônica do Pe. Antal. (*"il diavolo há penetrato in questa casa"*...) Tal visita foi para nós de triste memória. A Missa deixou de ser dialogada e começamos a rezar as orações tradicionais, do modo que rezávamos quando éramos simples aspirantes. Uma pena e uma falta de compreensão do espírito litúrgico, principalmente por se tratar de estudantes de teologia, tão próximos às ordens. Nossas férias eram passadas nas casas da Inspetoria. No primeiro ano passei-as em Pará de Minas, ajudando na assistência dos meninos. Nos outros anos passei-as em Jaciguá, onde fizera o tirocínio. Ajudava na assistência. Tivemos

oportunidade de darmos alguns passeios nas capelas da Paróquia. No 3o ano de apareci com o breviário nas mãos. No 4o ano minhas férias forma em Pará de Minas. A gente sentia um pouco de inveja dos colegas de São Paulo que iam para Campos do Jordão, com férias mais atraentes. No entanto seria dispendioso para nossa iniciante Inspetoria, ainda muito sem recursos econômicos. Outros no entanto preferiam voltar às origens e ainda alguns espertinhos, conseguiam voltar sempre para Silvânia, onde tinham férias bem melhores. Eram sempre os mesmos e já haviam passado lá o tirocínio. No entanto gostei muito de meus anos da Lapa. Nunca me envolvi com encrencas. Gostava de meus superiores e gostava bastante dos estudos próprios do tempo da Teologia.

Após os apertos próprios dos anos de tirocínio, finalmente, não tínhamos a responsabilidade de tomar contas de alunos, ou de dar aulas. Estávamos unicamente por conta de nós mesmos e de nossos estudos que eram aliás agradáveis. As provas eram apenas orais. Não havia ainda provas escritas. Recebi visitas de parentes, fiquei conhecendo outros. Bem diferente do tempo de formação, que passei tanto tempo sem ver ninguém da família nem sequer dos mais próximos e foram dez anos. Saí com 11 de Araxá e lá voltei depois de 10 anos, sem ver ninguém da família. Em São Paulo sentia-me mais próximo deles, de meu Pai e de minhas irmãs, pois todos os anos, nas férias fui até Araxá para vê-los. Acresce ainda a alegria da recepção sucessiva das ordens menores. As primeiras ordens menores, nós as recebemos de um bispo carmelita de Parcatu, e foi na igreja do Carmo em São Paulo. Percebia-se que o Bispo, quase missionário e muito simples ainda estava meio barbeiro nas cerimônias. Causando escrúpulos até em beneditino que no mesmo dia recebeu o sacerdócio (pediu que o bispo repetisse a cerimônia da imposição das mãos e as palavras), mas tarde ele, se não me engano, foi eleito abade deles.

Últimas ordens menores foram conferidas pelo nosso professor, eleito bispo do Mato Grosso, Dom Camilo Faresin, a cerimônia foi realizada na própria capela do Instituto Pio XI. Foram as primeiras ordenações dele. Quanto ao subdiaconato, nós o fomos receber na bela Matriz do Bom Retiro e foi ministrado pelo novo Bispo Salesiano de Corumbá, Dom Orlando Chaves, nosso antigo Inspetor. Foi uma cerimônia muito comovente. Estiveram presentes pela primeira vez alguns meus parentes: Lili e Maria das Dores. Fizeram uma linda foto. Eu estava com uma tunicela dourada. Guardei-a comigo por muito tempo. Não sei se ainda está em meus guardados. Pois organização nunca foi meu forte. Tinha a alegria de rezar o breviário, sinal da proximidade do sacerdócio. Grandemente emocionante

e gratificante foi a recepção do Diaconato, que me permitia exercer algum ministério, principalmente ajudando nas Paróquias, onde fazíamos batizados, encomendações, pregações, etc.

A semana santa foi uma delícia. Parece-me que ajudei numa Paróquia próxima à freguesia do Ó, não me lembro mais. Lá fiz até a primeira encomendação de defuntos. No último ano, no início do ano recebemos o diaconato das mãos do Sr. Bispo auxiliar de São Paulo, Dom Paulo Loureiro e foi na própria capela do Instituto, após nosso retorno das férias de fim de ano. No início do meu 3o ano de teologia, fomos surpreendidos com a nomeação do antigo Inspetor de São Paulo e atual Catequista Geral do Conselho Superior, que estava em Visita Extraordinária em nome do Reitor Mor, às Missões do Amazonas, para Bispo de Ilhéus, na Bahia. Ele veio fazer o seu Retiro espiritual preparatório em nossa casa de teologia. Eu fui escalado para ajudar em sua sagração episcopal como acólito. Sagrante foi o Sr. Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Carlos Mota. Consagrante foi Dom Orlando Chaves, Bispo de Corumbá e Dom Antônio Campelo de Aragão, colega de noviciado do novo bispo e Bispo auxiliar de Dom Aquino Correa, Arcebispo de Cuiabá. Foi uma cerimônia muito solene e aconteceu no Santuário do Liceu Sagrado Coração de Jesus em São Paulo. Dom João Resende esteve depois, como bispo novo, em Campinas para uma inauguração. Nós, os teólogos, fomos lá também para cantar. Parece-me que foi na Escola São José de Campinas.

No meio do ano de 1956, foi-nos comunicado que nossa ordenação sacerdotal seria antecipada para o dia 4 de novembro de 1956, dia de São Carlos Borromeu e onomástico do Sr. Cardeal arcebispo de São Paulo, que celebrava o seu 25º de episcopado. Foi programado para aquele final de ano a celebração de um Congresso Vocacional, que seria encerrado com a numerosa ordenação sacerdotal. Ganhamos assim um mês de Missas. Antecipamos nossos exames finais. Fizemos o Retiro preparatório e aguardamos com ansiedade o grande dia. A ordenação foi realizada na Catedral de São Paulo, recentemente inaugurada. Foi oficiada pelo Sr. Núncio Apostólico, Dom Armando Lombardi e contou com a presença de 11 bispos e numerosos sacerdotes, religiosos e fiéis. Meu Pai, minha Tia Rita, meu Tio Chico, Meu Tio Ciro, Maria das Dores, Lili, Ismênia e minhas irmãs todas foram até São Paulo para participar da ordenação. No Pio XI houve o jantar de confraternização com todos os colegas, os neo-sacerdotes e os Superiores.

Minha primeira Missa foi celebrada no Colégio Notre Dame no Sumaré, fui assistido pelo Pe. Henrique, meus familiares, o teólogo Torga foi o acólito. Estavam presentes também os dois primos médicos de Ipameri, os irmãos: Dr. José e João Batista Perfeito, com suas esposas e seus pais, Sr. João Perfeito, antigo ferroviário, sua esposa. Meu Pai, minhas irmãs, tio Ciro Almeida, minhas irmãs, as religiosas da casa. Ajudou a Missa o estudante de teologia, salesiano Afonso Torga, hoje sacerdote. Foi muito comovente a Missa. Após o café houve os cumprimentos e fomos todos para a casa do Lili ou seja o Coronel Aviador Luiz dos Santos Correia, que hospedou meus familiares em São Paulo. Ficamos muito gratos aos primos Maria e Luiz ou Lili. Celebrei a segunda na Igreja dos Passionistas em Pinheiros, São Paulo, onde estiveram também outros parentes.

Homem verdadeiramente espiritual, Pe. José deixou-nos um pequeno caderno com anotações sobre a vida de oração e alguns ensinamentos/reflexões sobre a vida espiritual. Transcrevo, agora, algumas destas simples reflexões, como ele mesmo disse:

“Rezar não é simplesmente dizer coisas a Deus, é muito mais pôr a vida em sintonia com Deus.”

“Quem não reza, morre de asfixia. A oração é a respiração da alma, é como o oxigênio de Deus. Um povo que reza é um povo que vive e respira.”

“Só pode viver bem quem aprende a rezar bem.” (Sto. Agostinho)

“A vida é oração, o trabalho é oração, quando vividos em união e sintonia de amor com Deus.”

“Quando rezamos é preciso tomar cuidado: para não deturpar a imagem de Deus e nem deturparmos a nossa imagem!”

“Só a fé garante a verdadeira oração.”

“Nossa oração deve retratar aquilo que estamos vivendo.”

“O progresso espiritual de alguém se mede pela qualidade de sua oração.”

“Qualidades da Oração: fé, humildade, insistência, perseverança, devoção, atenção.”

A saúde do Pe. José, infelizmente, não era muito boa. Quem o conheceu sabe que havia muitos anos que ele lutava para controlar o diabetes. Tomava inúmeros medicamentos, diariamente: para pressão, diabetes, colesterol, artrose... e, venhamos e convenhamos, ele não era lá muito dado a regimes. Aqui em Goiânia, alguns meses após sua chegada, resolveu fazer uma série de exames para verificar o estado geral de sua saúde. Qual não foi nossa surpresa ao descobrirmos que ele precisaria fazer uma série de angioplastias: o diabetes havia lesionado em muito o coração. Submetido a este procedimento, voltou à sua vida normal. Também o levei a uma nutricionista, para regular a alimentação. Mas, não havia muito jeito de fazê-lo encarar com seriedade a dieta. Não obstante todos estes problemas de saúde, o Pe. José nunca se deixou abater. Estava sempre alegre e sempre trabalhando – não parava um minuto sequer. Quando ficava muito quieto, podia-se saber que alguma coisa não andava bem com sua saúde.

Em julho de 2007, o Pe. José sentiu-se mal à noite. Eu estava viajando e vim saber dos fatos pelo Pe. João de Oliveira. Parece que, antes de dormir, perceberam a porta do quarto do Pe. José aberta – coisa que não acontecia à noite – e o encontraram – o Pe. João e o Kadu – hoje estudante de teologia – sentado, ofegante, em sua cadeira de descanso. Imediatamente chamaram o Dr. Albanir, médico, paroquiano, que prontamente veio vê-lo e já o identificou como enfartado. Levaram-no para o hospital. Informado sobre o fato, voltei imediatamente para Goiânia e ainda tive oportunidade de visitá-lo na UTI do hospital. Ele estava lúcido e com esperanças de ficar bom logo. Mas sabíamos que o seu estado de saúde era grave.

No dia 21 de julho de 2007, veio a falecer, por volta das 15hs. Às 22hs celebramos, na Paróquia São João Bosco, uma Missa de Corpo Presente, presidida pelo Sr. Arcebispo de Goiânia, Dom Washington Cruz. Também concelebrou o Sr. Bispo Emérito de Uruaçu, Dom José. Após a missa, o corpo do Pe. José foi para Araxá, numa viagem que duraria toda a noite. Eu fui acompanhando o corpo, numa das viagens mais tristes de minha vida, durante a qual pensava na ironia daquela situação: dois anos antes, buscara o Pe. José em Araxá; agora, retornava acompanhando o seu corpo... sem bagagem, sem alegria, numa noite fria de julho. Apenas lembranças e saudades...

Termino esta Carta com algumas considerações ainda. Primeiro, peço desculpas a todos pelo atraso com que a concluo. Na verdade, durante todo este tempo, pensava somente em escrever uma Carta que fosse digna do Pe. José Perfeito, que traduzisse o mais possível toda a riqueza de sua personalidade e do seu trabalho – santa ingenuidade! Como dizia Dom Bosco: *o ótimo é inimigo do bom!* Além disso, o Pe. José deixou, como já disse, toda uma autobiografia escrita que, se em parte facilitou o meu trabalho, por outro lado trouxe algumas dificuldades. Por exemplo, não sei se esta modalidade que escolhi – a de intercalar o seu texto com o meu – foi das mais felizes. Contudo, não quis omitir a fala do Pe. José a respeito de si mesmo. Também tentei retratar os momentos de nossa convivência, de como eu o conheci e o senti como pessoa – daí o tom coloquial da Carta. Em outras palavras, não quis ser neutro – como se isto fosse possível – neste texto. O Pe. José Perfeito marcou muito a minha vida, tanto que até hoje sinto a sua ausência, como à ausência de um pai.

Gostaria também de agradecer a todos os amigos, conhecidos, parentes, salesianos, paroquianos de nossa Paróquia São João Bosco que cuidaram do Pe. José Perfeito durante este pouco tempo em que ele por aqui passou e mesmo durante a sua doença. Citar nomes é sempre perigoso, mas segue uma agradecimento especial ao Pe. João de Oliveira Souza, sdb e à Celina de Oliveira, Cooperadora Salesiana e secretária de nossa Paróquia São João Bosco, que não mediu esforços no cuidado e na atenção para com ele. Sobre o povo de Goiânia, ouvi muitas vezes o Pe. José dizer: *Se soubesse que Goiânia era assim tão bom teria vindo para cá mais cedo!*

Padre José Perfeito, que foi pai e pastor de muitos, certamente se encontra, agora, nos braços do Pai Celeste a interceder por todos nós! Saudades...

Ite, missa est.

Deo grátias.

Goiânia, 12 de agosto de 2008.

Pe. Francisco de Sales Martins Neto, Diretor.

DADOS BIOGRÁFICOS



- 27 de Março de 1929: nascimento do Pe. José Perfeito.
- Aos doze anos: ida para o seminário – congregação salesiana.
- 1941: Lorena, SP. Curso de Admissão e Primeiro Ginásial.
- 1942: Lavrinhas, SP. Segundo, Terceiro e Quarto Ginásial.
- 1945 a 1946: Pindamonhangaba, SP. Noviciado.
- 31 de Janeiro de 1946: Primeira Profissão Religiosa.
- 1947 a 1949: Lorena, SP. Cursos de Filosofia e Pedagogia.
- 1950 a 1953: Tirocínio, em São João Del Rey (MG), Silvânia (GO) e Jaciguá (ES).
- Março de 1953: Teologia, Instituto Teológico Pio XI, SP.
- 1954: Primeiras Ordens.
- 1955: Diaconato, na Capela do Instituto Pio XI, SP.
- 04 de Novembro de 1956: Ordenação Presbiteral. Catedral da Sé, em SP.
- 1956: trabalhou nas Escolas Dom Bosco, Cachoeira do Campo (MG), como professor e catequista.
- 1957: foi transferido para Jaciguá (ES), trabalhando também como professor e catequista.
- 1960: Pará de Minas (MG), como professor, catequista, Capelão das Irmãs Salesianas e confessor dos seminaristas.
- 1963: Santa Bárbara (MG), como diretor e professor.
- 1966: Campos dos Goytacases (RJ), professor e capelão das Irmãs Salesianas.
- 1967: Uberlândia, professor e capelão das Irmãs Salesianas.
- 1968: Belo Horizonte, no Liceu, como professor.
- 1969 a 1977: pároco da Paróquia Cristo Luz dos Povos, na Cabana, em Belo Horizonte (MG).
- 1978: Araxá, pároco da Paróquia São Domingos de Gusmão.
- 1986 a 1987: esteve a serviço da Diocese de Patos de Minas, em Guimarães.
- 1988 a 2003: Araxá, como pároco da Paróquia São Domingos.
- 2004 a 2007: Goiânia (GO), como vigário paroquial da Paróquia São João Bosco.
- 21 de Julho de 2007, aos 78 anos: morre o Pe. José Perfeito, sdb.

DADOS PARA O NECROLÓGIO:

* 27 de Março de 1929, Araxá – MG - Brasil
+ 21 de Julho de 2007, Goiânia – GO – Brasil, aos 78 anos